



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES - FALLA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS**

WILLIAN JUAN GUEDES VITAL

**A TRADUÇÃO INTERLINGUAL DE “THE RAVEN” DE EDGAR A. POE:
UM ESTUDO COMPARATIVO**

**CAMPINA GRANDE - PB
2024**

WILLIAN JUAN GUEDES VITAL

**A TRADUÇÃO INTERLINGUAL DE “THE RAVEN” DE EDGAR A. POE:
UM ESTUDO COMPARATIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Faculdade de Linguística, Letras e Artes - FALLA, como requisito parcial à obtenção do título de Professor Licenciado em Letras Inglês.

Área de concentração: Tradução e literatura norte-americana

Orientador: Prof. Dr. Valécio Irineu Barros

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

V836t Vital, Willian Juan Guedes.
A tradução interlingual de "The Raven" de Edgar A. Poe: um estudo comparativo [manuscrito] / Willian Juan Guedes Vital. - 2024.
28 f.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.
"Orientação : Prof. Dr. Valécio Irineu Barros, Coordenação do Curso de Letras Inglês - FALLA".
1. Tradução. 2. Tradução interlingual. 3. Tradução literária.
4. Análise comparativa. I. Título

21. ed. CDD 418.02

WILLIAN JUAN GUEDES VITAL

A TRADUÇÃO INTERLINGUAL DE "THE RAVEN" DE EDGAR A. POE: UM ESTUDO COMPARATIVO

Artigo Científico apresentado à Coordenação do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras

Aprovada em: 21/11/2024.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Valécio Irineu Barros** (***.093.464-**), em **27/11/2024 21:52:30** com chave **0bf4b45cad2311ef933f1a1c3150b54b**.
- **Thiago Rodrigo de Almeida Cunha** (***.579.534-**), em **27/11/2024 22:48:10** com chave **d2db9b60ad2a11efa4281a7cc27eb1f9**.
- **Joselito Porto de Lucena** (***.663.814-**), em **28/11/2024 09:54:24** com chave **e515a6ecad8711efa8131a1c3150b54b**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Termo de Aprovação de Projeto Final

Data da Emissão: 28/11/2024

Código de Autenticação: da3db5



SUMÁRIO

1 REFLEXÕES INICIAIS.....	5
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	6
2.1 Tradução Interlingual.....	6
2.2 Literatura Romântica Gótica Norte-Americana.....	9
3 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS OBRAS ANALISADAS.....	11
3.1 Conhecendo os Poetas Tradutores (Assis e Pessoa).....	12
4 TRADUÇÕES DOS AUTORES.....	14
4.1 O Corvo Machadiano.....	14
4.2 O Corvo de Pessoa.....	19
4.3 Espelhando Traduções de Assis e Pessoa.....	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26

A TRADUÇÃO INTERLINGUAL DE "THE RAVEN" DE EDGAR A. POE: UM ESTUDO COMPARATIVO

Autor: Willian Juan Guedes Vital

RESUMO

Este trabalho examina a tradução interlingual de "The Raven" (1845), de Edgar Allan Poe, e as diferentes abordagens de tradução feitas por Machado de Assis (1883) e Fernando Pessoa (1924). Com foco na importância da tradução como ferramenta de acesso cultural, o estudo compara essas traduções com base nas contribuições teóricas de Eco (2007), Campos (1986) e Barbosa (2020), investigando as escolhas linguísticas e estilísticas dos tradutores em relação ao contexto cultural e estético de cada época. A análise qualitativa adota uma abordagem bibliográfica e destaca as adaptações feitas pelos tradutores, considerando aspectos como o ritmo poético e a recriação do tom gótico. Assim, este estudo propõe uma reflexão sobre o papel do tradutor na preservação e transformação da obra original, salientando como contextos distintos geram variações que enriquecem o alcance literário de Poe. Dentro dos resultados obtidos, avaliamos como cada nova abordagem tradutória tem o potencial de alcançar novos públicos e contribuir para a disseminação do conhecimento literário, artístico e acadêmico. Além disso, concluímos que a tradução literária não é apenas um exercício técnico, mas também criativo, no qual o tradutor faz escolhas que refletem tanto aspectos estilísticos quanto culturais.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe; "The Raven"; tradução interlingual; Machado de Assis; Fernando Pessoa.

ABSTRACT

This study examines the interlingual translation of Edgar Allan Poe's "The Raven" (1845) and the distinctive translation approaches by Machado de Assis (1883) and Fernando Pessoa (1924). Focusing on translation as a tool for cultural access, the research compares these translations based on the theoretical contributions of Eco (2007), Campos (1986) and Barbosa (2020), investigating the translators' linguistic and stylistic choices within the cultural and aesthetic context of each period. The qualitative analysis employs a bibliographic approach, highlighting the adaptations made by the translators concerning poetic rhythm and the recreation of the gothic tone. This study thus reflects on the translator's role in both preserving and transforming the original work, emphasizing how different contexts generate variations that enhance Poe's literary reach. Within the obtained results, we assessed how each new translational approach has the potential to reach new audiences and contribute to the dissemination of literary, artistic, and academic knowledge. Furthermore, we concluded that literary translation is not merely a technical exercise but also a creative one, in which the translator makes choices that reflect both stylistic and cultural aspects.

Keywords: Edgar Allan Poe; "The Raven"; interlingual translation; Machado de Assis; Fernando Pessoa.

1 REFLEXÕES INICIAIS

A forma como a atividade de tradução é desenvolvida pode variar bastante de acordo com vários critérios, tais como público alvo, a época da tradução, a comunidade cultural na qual ela é realizada, o gênero textual que está sendo trabalhado, bem como o método pelo qual o tradutor decidiu encaminhar o processo, seja focando em uma tradução mais literal, seja optando por uma tradução mais criativa a partir do texto fonte. A natureza diversa e complexa da atividade de tradução se torna ainda mais desafiadora, quando seu objeto é um texto literário e, ainda mais, quando se trata de poesia, especialmente poesia lírica, gênero caracterizado pela subjetividade.

Para investigar esses aspectos, neste trabalho, escolhemos como objeto de análise o poema "The Raven" (1845), texto poético da literatura romântica gótica norte-americana, mais especificamente do gênero lírico, que será alvo das discussões levantadas. Outro aspecto discutido neste trabalho é a importância da tradução interlingual (Jakobson, 1959) para a promoção do acesso cultural, uma vez que permite a pessoas que não falam uma determinada língua ter a possibilidade de ler textos que foram nela produzidos, no caso particular do poema de Edgar Allan Poe, tornar acessível o texto de um escritor anglófono para não falantes do inglês.

Obras literárias tendem a tratar de temas que, muitas vezes, podem gerar diferentes interpretações por parte dos leitores, interpretações que são influenciadas por suas visões de mundo, sendo vinculadas a suas experiências de vida. Por esse motivo, o papel do tradutor vai além de uma simples transposição entre línguas, visto que, além de aspectos culturais, ele terá o desafio de incorporar o modo pelo qual determinado tema, contexto histórico, social e estilo de escrita veiculados pela obra são recriados dentro da tradução realizada.

Neste sentido, temos como objetivo geral analisar a importância da tradução interlingual e do papel do tradutor para promover acesso de não falantes de inglês a obras literárias da língua inglesa. Para tanto, buscamos analisar as traduções feitas por Machado de Assis (1883) e Fernando Pessoa (1924) para obra "The Raven" de Edgar Allan Poe, fazendo uma comparação entre os textos dos dois autores lusófonos, bem como com a obra fonte, de modo a analisar possíveis decisões por trás da omissão ou substituição de certas palavras escolhidas durante o processo adaptativo e criativo por parte de cada tradutor.

Minha motivação para desenvolver este trabalho teve início ainda durante minha graduação, quando tive o prazer de estudar algumas obras de Edgar A. Poe, dentre elas o poema "The Raven". Eu e meus colegas de classe pudemos estudar as traduções de Machado de Assis e Fernando Pessoa da obra de Poe. Na época, reparei que existiu um conflito quanto à definição de qualidade dada à tradução de Assis, quando comparada à de Pessoa. A turma parecia menosprezar a tradução de Machado de Assis por conta de seu preciosismo linguístico. Essa interação em sala foi o suficiente para me instigar a entender melhor o que fazia pessoas considerarem uma tradução "melhor" ou "pior", quando comparadas a outras propostas de tradução. Além disso, contribuiu para a construção de uma visão crítica da tradução, levando-me a enxergá-la como um processo de transposição de ideias e não apenas como um produto acabado.

Este trabalho utiliza uma abordagem qualitativa, que busca interpretação e reflexão sobre os temas estudados, explorando características dos indivíduos e cenários que "não

podem ser facilmente descritos numericamente" (Caleffe e Moreira, 2006, p. 73). Com relação aos objetivos, são seguidas as classificações de Gil (1994) e Triviños (1987), que os dividem em exploratórios, descritivos e explicativos. Opta-se pelo viés explicativo, que visa "identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos" (Caleffe e Moreira, 2006, p. 70). A pesquisa é de natureza bibliográfica, uma vez que é baseada em materiais previamente publicados, como livros, periódicos e artigos, os quais são submetidos a uma reflexão crítica (Caleffe e Moreira, 2006, p. 74). Como aporte teórico, o trabalho utiliza as contribuições de autores como Umberto Eco (2007), Geir Campos (1986) e os estudos de Heloísa Barbosa (2020) sobre tradução.

Considerando a extensão do poema, mais de 100 versos, optei por fazer recortes de seis estrofes da obra fonte e das duas traduções em português, para constituir meu *corpus* de análise. Sendo estas estrofes a primeira, a segunda, a sétima, a oitava, a antepenúltima e a última, uma vez que ilustram melhor os aspectos de semelhanças e diferenças entre as traduções analisadas.

A seção seguinte apresenta o referencial teórico deste trabalho, abordando os tópicos de tradução interlingual e literatura romântica gótica norte-americana. Na sequência, é feita uma contextualização biográfica e cultural dos poetas tradutores analisados, Machado de Assis (1839 - 1908) e Fernando Pessoa (1888 - 1935). Posteriormente, a análise comparativa das traduções é dividida em três partes: a primeira compara a tradução de Assis com o poema original de Poe; a segunda, a tradução de Pessoa com o texto fonte; e a terceira, as duas traduções entre si. Por fim, são retomadas as principais observações nas considerações finais, seguidas das referências bibliográficas utilizadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No decorrer desta seção serão apresentados os temas que servem como eixo teórico deste trabalho, juntamente com os autores utilizados como base da fundamentação teórica. A primeira subseção terá foco no processo de tradução, mais especificamente a interlingual, enquanto a subseção seguinte abordará a literatura romântica gótica norte-americana.

2.1 Tradução Interlingual

A tradução é uma atividade que facilita o acesso a obras que, muitas vezes, permaneceriam inacessíveis devido a algum tipo de barreira linguística ou midiática. O processo de tradução pode ser utilizado em diferentes situações de acordo com a circunstância apresentada, seja em traduções feitas de uma língua para outra (tradução interlingual), seja em traduções feitas na mesma língua (tradução intralingual) ou até mesmo entre diferentes mídias (tradução intersemiótica). Neste trabalho, discutirei o primeiro processo tradutório.

Quando visto de maneira superficial, o processo de tradução interlingual pode, muitas vezes, ser mal interpretado como apenas uma mudança de signos linguísticos representativos de uma língua que está sendo transformada em outra. No entanto, a tradução vai muito além dos aspectos gramaticais presentes na língua fonte e na língua de chegada. Nesse sentido, o papel do tradutor tem uma importância proeminente, já que ele será o responsável por recontextualizar a obra em questão, levando em consideração aspectos culturais presentes nas

duas línguas. Com isso, a tradução passa a ser muito mais do que a mera transposição de um texto de um idioma para outro diferente, pois, como afirma Eco (2006, p. 190) “não diz respeito apenas a uma passagem entre duas línguas, mas entre duas culturas, ou duas enciclopédias. Um tradutor não deve levar em conta somente as regras estritamente linguísticas, mas também os elementos culturais, no sentido mais amplo do termo”.

Existem inúmeras divergências quando analisamos os pontos de vista de múltiplos autores tratando de identificar os diferentes possíveis procedimentos realizados durante o desenvolvimento de uma tradução interlingual. É preciso levar em consideração que esse tipo de tradução pode se desenrolar de maneira mais fiel à obra fonte, como muitas vezes é realizada em documentos oficiais, assim como também pode ser feita se dispendo de uma liberdade maior da parte do tradutor. Dito isso, muitas vezes são criadas diferentes nomenclaturas para tais procedimentos tradutórios. Com a intenção de sistematizar e organizar essas classificações que são imprescindíveis para uma tradução mais elaborada, adotei a taxonomia de Barbosa (2020), autora que categorizou as diferentes propostas da tradução interlingual em treze procedimentos, simplificando as análises realizadas.

No que se refere às divergências de pontos de vista de diferentes autores acerca da tradução, é possível identificar grupos que veem essa atividade de forma negativa, partindo da ideia de que ela é uma forma de desvirtuar a obra fonte a partir da qual foi produzida, uma vez que, desde o momento em que a obra não esteja mais disponível em sua língua e contexto iniciais, ela já não transmite o sentido original proposto pelo autor quando foi criada. Acontece que durante a tradução, algumas informações presentes no texto original simplesmente não teriam sentido, ou pelo menos o mesmo efeito ou conteúdo, ao serem mencionadas no texto traduzido, em virtude dos divergentes aspectos culturais da língua de chegada e da língua fonte, que impossibilitam uma tradução “palavra por palavra”, com isso, chegamos a dois aspectos importantes de todo o procedimento tradutório, o regionalismo e o estrangeirismo (Cf. Campos, 1986).

Durante a tradução, o tradutor acaba por encontrar inúmeros desafios, dentre eles o regionalismo e o estrangeirismo, aspectos esses que têm uma influência considerável no entendimento durante a leitura de uma obra. Muitas vezes, algumas terminologias estão extremamente enraizadas em aspectos culturais, seja do país em que algo foi produzido ou até mesmo de uma região específica dentro de determinada nação. Esses termos têm um significado único que, com frequência, não pode ser traduzido de maneira direta, pois é algo intrinsecamente relacionado à cultura local. Quando isso acontece com um termo estrangeiro, a palavra acaba sendo transcrita por inteiro. Segundo Campos:

Quando o tradutor se depara com alguma palavra ou expressão da língua-fonte que não tem correspondente ou equivalente na língua-meta, o recurso mais usual é transcrevê-la com todas as letras, ou com o que seria a pronúncia figurada delas — como no caso da palavra russa que se pronuncia “sputnik”: essa palavra é escrita em russo com caracteres cirílicos, que não se encontram em nossa língua, nem noutra qualquer língua ocidental, embora muitas letras cirílicas sejam calcadas em letras do alfabeto grego, igualmente inexistentes em nosso alfabeto (Campos, 1986, p. 34).

Acontece que a mesma estratégia nem sempre é utilizada em todos os contextos e para todos os termos, como por exemplo, a situação da palavra inglesa *skyscraper* que foi aportuguesada para o que conhecemos hoje como “arranha-céu”. Neste caso, o tradutor teria a

opção de usar uma tradução direta da palavra mencionada no texto fonte, mantendo seu sentido intacto. Esse tipo de situação específica pode se estender até mesmo para frases inteiras como a frase, em inglês, *he is running very fast* que ao se traduzir literalmente ficaria “ele está correndo muito rápido”. Neste caso, cada palavra presente na frase original tem um equivalente direto na língua de chegada, permitindo uma tradução completa do sentido e mantendo a frase muito semelhante (Campos, 1986).

Existem também situações em que a equivalência não é possível ou desejável ao se traduzir um termo específico. Neste caso, alguns tradutores decidem se utilizar de um processo de adaptação, que segundo Barbosa (2020, p. 84) “[...] é o limite extremo da tradução: [e] aplica-se em casos onde a situação toda a que se refere o TLO¹ não existe na realidade extralinguística dos falantes da LT².” Em tal situação, é necessário que o tradutor busque palavras da língua de chegada que, mesmo não tendo um significado igual, se encaixam no sentido demonstrado pela situação apresentada no texto fonte. Essa medida é tomada para que não haja a necessidade de omissão de um termo presente na obra fonte, mantendo assim as informações relativamente equivalentes, ainda que não de maneira perfeita. Nesse processo, algumas palavras como as que designam esportes típicos de determinado lugar, alimentos e outros aspectos são mudados para algo que é mais presente na língua para qual a obra está sendo traduzida, gerando assim mais identificação no leitor, como por exemplo adaptar a menção de um esporte como “rugby”, mais comum na Inglaterra, para futebol ou vôlei dentro de uma adaptação que tem o Brasil como público alvo.

É em casos como a adaptação que vemos a necessidade de um certo nível de criatividade vinda da parte do tradutor, visto que, ele precisará identificar o que pode soar mais familiar para o leitor da versão traduzida da obra. Além de criatividade, fica evidente a indispensabilidade de um alto nível de conhecimento tanto da língua e cultura de chegada quanto da original. O tradutor precisa ter um alto grau de imersão nessas línguas e culturas, podendo identificar e relacionar as duas durante o processo, de maneira que a transição se desenvolva da maneira mais natural possível, passando assim a ser um coautor da obra traduzida (Barbosa, 2020).

Esse processo mais adaptativo presente na tradução é um dos aspectos mais discutidos, já que, muitas vezes, os leitores buscam encontrar o texto original ao ler uma tradução, mas isso não é possível, ou pelo menos não com uma equivalência completa, pois nenhuma versão traduzida tem a intenção de substituir a obra original, mas sim, disponibilizar a leitura de uma obra para aqueles que não podem compreender a língua original do texto ou preferem realizar a leitura em uma língua que lhes seja mais agradável (Campos, 1986). A tradução, nesse sentido, se faz essencial para que obras que, muitas vezes, ficariam inacessíveis a certos públicos tenham mais propagação.

O processo de adaptação é muito presente em textos que tratam de temas mais fantasiosos, irrealistas e que vão além de uma simples interpretação literal das palavras, como nas obras do gênero poético e em contos. Um dos períodos literários em que podemos identificar um grande número de obras com essa temática mais sobrenatural é o romantismo, especialmente em sua vertente gótica, como nas obras dos autores norte-americanos Charles Brockden Brown (1798) e Edgar Allan Poe (1845).

¹ Texto na língua original (abreviação da autora).

² Língua da tradução (abreviação da autora).

Na subseção seguinte, falaremos sobre a literatura romântica gótica norte-americana, fazendo uma relação com o seu uso em um processo de tradução.

2.2 Literatura Romântica Gótica Norte-Americana

A literatura, em sua totalidade, é uma forma de expressão artística que resiste a definições simplistas, pois abrange uma diversidade de facetas e características que variam conforme o gênero literário em análise. A leitura de obras literárias não pode ser realizada da mesma maneira que a leitura de uma bula de remédio, visto que, enquanto a bula de remédio tem o objetivo claro de informar de maneira direta e sem caráter ficcional, a literatura vai em uma direção totalmente contrária, ao utilizar uma linguagem altamente conotativa e que, no caso da poesia lírica, caracteriza-se por um alto grau de subjetividade que permeia os temas e assuntos abordados pelo texto (CAMPOS, 1986).

Deste modo, podemos dizer que o texto literário é repleto de plurissignificação, isto é, as obras literárias são cheias de diferentes significados que são construídos no decorrer do texto, muitas vezes, utilizando a ambiguidade e processos narrativos não lineares, dependendo da forma como o autor produziu o texto e do objetivo estético e comunicativo pretendido. Desta maneira, se faz necessário analisar cada texto separadamente e levando em consideração suas diferentes características. Dentre estas características, destaca-se a tonalidade do texto. Enquanto alguns textos têm tons alegres e uma perspectiva esperançosa, outros textos são mais melancólicos e transmitem uma visão descolorida ou sombria do mundo.

Vale ressaltar também que o significado do texto pode ter um impacto distinto de acordo com a pessoa que está fazendo a leitura, no sentido de que pessoas diferentes, e consequentemente realidades diferentes, podem acabar atribuindo um significado pessoal até mesmo inverso àquele pretendido pelo autor do texto, como resultado de uma leitura precipitada e superficial. Existem também casos onde uma releitura de uma obra em diferentes momentos da vida de uma mesma pessoa, pode acabar gerando sentimentos distintos, isso se deve às mudanças na experiência de vida, obtidas no decorrer da jornada de cada indivíduo. Nenhum ser humano é igual, da mesma maneira que ninguém permanece pensando da mesma forma durante toda a vida. Todos nós temos gostos, ideias, filiações e atitudes que variam no decorrer dos anos e a influência gerada por essas mudanças pode ter impactos significativos na forma como cada texto é absorvido.

Todos esses aspectos demonstram a complexidade da linguagem literária, uma linguagem figurada, rica em metáforas, metonímias, descrições imagéticas, sinestésias, personificação e outros tantos recursos expressivos que produzem essa diversidade de significados. Essa variedade de detalhes e peculiaridades são o que tornam o trabalho do tradutor ainda mais desafiador quando sua atividade está sendo realizada, já que a tradução não tem como abranger todos os possíveis significados presentes nas palavras do texto literário original. Por esse motivo, diferentes tradutores podem ser responsáveis por realizar traduções relativamente distintas entre si, ainda que trabalhem um mesmo texto fonte (Barbosa, 2020).

Para além dos tipos de gêneros literários, vale ainda ressaltar o aspecto do estilo. No caso deste trabalho, o estilo gótico, que foi desenvolvido em meados dos séculos XVIII e

XIX, tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra. Este estilo é marcado pela elevada presença de elementos sobrenaturais, misteriosos e aterrorizantes. Nas obras góticas, os autores tendem a dar bastante importância à dimensão psicológica, em seus aspectos oníricos e alucinatórios.

Existem diferentes nomes de destaque neste estilo literário, sendo Horace Walpole, com *The Castle of Otranto* (1768), um dos precursores do que viria a se tornar o romance gótico. Edgar Allan Poe, anos depois, também foi um autor de destaque, considerado até hoje como referência por ter impulsionado o romance policial e também os contos de terror.

Quanto ao aspecto gótico em si, é possível descrevê-lo como uma mudança de perspectiva para algo que não é rotineiro para muitas pessoas. Esse aspecto, como destacado por Rossi (2008, p. 56) “vem colocar um toque de irracionalidade no nosso mundo tão real, tão organizado, tão lúcido, ao fazer-se surgir da própria realidade que tanto prezamos. Ele nos deixa, portanto, suspensos entre dois universos: o real e o imaginário.” Essa oportunidade de se aprofundar no desconhecido e no irreal é o atributo que se apresenta como um chamariz para as pessoas, causando o interesse pelas obras com temas tão distintos e subjetivos, como uma porta para a imersão em mundo alternativo. Vejamos um trecho da tradução do conto “The Fall of the House of Usher” feita por José Paulo Paes na coletânea “História Extraordinárias”

Durante todo um dia pesado, escuro e mudo de outono, em que nuvens baixas amontoavam-se opressivamente no céu, eu percorri a cavalo um trecho de campo de tristeza singular, e finalmente me encontrei, quando as sombras da noite se avizinhavam, à vista da melancólica Casa de Usher (POE, 2008. p.156).

Ao longo deste trecho é possível analisar um alto nível de descritividade, com adjetivos, locuções adjetivas e advérbios que tendem a gerar uma ambiência sinistra, tais como “escuro”, “de tristeza singular” e “opressivamente”, o que permite ao leitor sentir a atmosfera de desconforto que o eu lírico está presenciando. As sensações são passadas pela maneira como as palavras são selecionadas, com o propósito de produzir uma imersão para quem está realizando a leitura. Sobre este aspecto da ficção gótica de Poe, Fonseca (2009, p. 42) afirma: “Poe reivindica seriedade para falar do horror por entender que essa é a verdadeira face da condição humana”, forjando assim, uma aproximação do leitor com o que é descrito na obra.

Esse conjunto de atributos presentes no uso das palavras, demonstra intencionalidade por parte do autor, isto é, as escolhas frasais e estruturais foram escolhidas de modo minucioso para cumprir um objetivo determinado. Neste trecho específico, a intencionalidade foi identificada pelo tradutor do texto, que utilizou palavras que se assemelham ao sentido pretendido na língua fonte. Acontece que a percepção do medo, da morte e da loucura é extremamente subjetiva, visto que aspectos culturais têm grande influência no que pode ser considerado assustador. Estes aspectos tornam a tradução um processo que visa criar uma aproximação da obra fonte, mas que, em certos momentos, não consegue expressar de maneira perfeita a ênfase e intensidade que cada palavra utilizada na língua original é capaz de promover, tornando mais dificultosa a tentativa de replicar passagens específicas durante a realização da transposição do texto de uma língua para a outra.

É por esse motivo que, ao analisarmos traduções da obra “The Raven”, de Edgar Allan Poe, é possível identificar traduções extremamente distintas na maneira como foram realizadas. Usando as traduções de Fernando Pessoa e Machado de Assis como exemplo, é perceptível como Fernando Pessoa buscou trazer uma maior fidedignidade a sua tradução, buscando até mesmo manter uma estrutura frasal semelhante à que foi criada no texto fonte. Em contraponto a isso, temos a tradução de Machado de Assis que tomou uma liberdade criativa muito maior, ao mudar totalmente a estrutura das frases e até mesmo a ritmicidade da obra, quase como se em alguns trechos, em vez de apenas ter realizado uma tradução, ele tivesse criado uma obra nova, inspirada diretamente pelo texto fonte. Essa ampla disparidade no método utilizado no decorrer das traduções deve-se às épocas em que foram realizadas, além das escolas literárias às quais cada um desses autores estava vinculado. Nesse caso, é importante destacar que Machado de Assis viveu mais no século XIX e estava vinculado ao realismo brasileiro, enquanto Fernando Pessoa viveu a transição do século XIX para o início do século XX, estando vinculado ao modernismo português. Estes aspectos, juntamente com a influência da subjetividade presente em obras literárias e como suas diversas interpretações podem impactar diretamente na realização de exercícios tradutórios, demonstram alguns dos parâmetros importantes a serem avaliados durante a análise de cada tradução.

Na seção seguinte, apresentamos uma contextualização histórica e bibliográfica dos poetas tradutores mencionados anteriormente.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS OBRAS ANALISADAS

Como já mencionado anteriormente, escolhemos como objeto de análise o poema “The Raven” (O Corvo) de Edgar Allan Poe, publicado inicialmente em 29 de janeiro de 1845 e duas de suas traduções para o português. Como este famoso poema faz parte da literatura gótica, vale a pena tecer algumas considerações sobre o motivo de esse tipo de literatura atrair tantos leitores.

Dentro desse tipo de literatura, sobressaem aspectos como o medo, morte, além do fascínio pelo estranho e desconhecido. Todas essas características costumam ser trazidas ao texto por meio do uso de simbolismos, metáforas e descrições elaboradas dos ambientes e personagens envolvidos nas tramas apresentadas. Quando tratamos de “The Raven” elementos como a loucura e o tom melancólico são muito evidentes. Considerando que o texto é enunciado em primeira pessoa, ou seja, do ponto de vista do narrador personagem, as emoções do eu-lírico são descritas para o leitor, muitas vezes, de maneira direta, como no trecho “muito me admirou ouvir a ave desajeitada falar de maneira tão clara”³. Esse tipo de descrição ajuda o leitor a se aproximar empaticamente do protagonista, tornando ainda mais acessível o contato com as mesmas emoções por parte de quem está lendo a obra.

Ao analisarmos o simbolismo, a ambientação, objetos de cena e até o posicionamento dos personagens presentes na obra, é possível identificar um tema ainda mais profundo, como por exemplo no trecho “empoleirado sobre o busto de Pallas logo acima da porta da minha câmara”⁴, onde a presença do corvo, que durante o texto é tratado de forma supersticiosa, se

³ “*Much I marvelled this ungainly fowl to hear discourse so plainly*” verso da nona estrofe de “The Raven” (Poe, 1845, Tradução nossa).

⁴ “*Perched upon a bust of Pallas just above my chamber door*” verso da sétima estrofe de “The Raven” (Poe, 1845, Tradução nossa).

coloca acima de uma estátua que poderia representar o intelecto e a sabedoria, prefigurando que ao longo do texto, a credence estaria acima da lógica e da razão.

Estes são apenas alguns exemplos de aspectos que um tradutor precisa de levar em consideração ao analisar e reestruturar obras literárias na transposição de uma língua fonte para uma língua alvo. O subtópico seguinte apresenta uma contextualização de Machado de Assis e Fernando Pessoa, além de discorrer sobre seus respectivos papéis nas literaturas de seus países, assim como suas escolhas no processo de tradução do poema de Poe.

3.1 Conhecendo os Poetas Tradutores (Assis e Pessoa)

Tendo em vista que as traduções de “The Raven”, a serem analisadas no decorrer deste trabalho, são obras realizadas por Machado de Assis e Fernando Pessoa, dois dos maiores escritores de língua portuguesa, faz-se necessária uma contextualização sobre estes autores, como preâmbulo ao estudo tradutório objeto deste trabalho.

Joaquim Maria Machado de Assis (deste ponto em diante referido apenas como Assis) nasceu no dia 21 de junho do ano de 1839, no Rio de Janeiro, Brasil, como informa Souza em sua biografia sobre o autor.

No decorrer de seus 69 anos de vida, o autor foi responsável por obras clássicas como *Dom Casmurro* (1899) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), além de que, muitas de suas obras foram traduzidas para outros idiomas, dentre as mencionadas, a segunda traduzida para o inglês sob o título de *The Posthumous Reminiscences of Braz Cubas*, além dessas, seu conto intitulado “A Igreja e o Diabo” (1884) foi traduzido para o Italiano e o romance *Esau e Jacó* (1904), traduzido para esperanto.

É importante lembrar que a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* marca o início do Realismo na literatura brasileira, sendo este um movimento artístico e literário que visava trazer atenção para situações do cotidiano, com o uso de mais objetividade, algo que seguia ideias opostas às do Romantismo e sua visão idealizada da vida. Além disso, as obras de Assis também influenciaram grandes escritores como os poetas Olavo Bilac e Carlos Drummond de Andrade e até mesmo autores internacionais, como o romancista norte-americano John Barth, por conta do alcance da tradução de suas obras.

A importância de Machado de Assis para a literatura brasileira é indiscutível, mas discuti-la foge ao escopo deste trabalho. Entretanto, vale destacar que durante uma parte de sua vida, enquanto produzia uma de suas primeiras obras, Assis aprendeu a ler e a traduzir francês, informação essencial para a análise de sua tradução de “Raven”, visto que, como informado por Daniel Serravalle de Sá na obra *O Corvo multilíngue* (2015, p. 15), Assis produziu sua tradução do poema de Poe a partir de outra tradução feita pelo poeta e crítico francês Charles Baudelaire, o qual já havia modificado a forma do poema fonte durante seu projeto de tradução.

Outro autor e tradutor, mas com um contexto bem diferente do vivido por Machado de Assis, foi o poeta português Fernando António Nogueira Pessoa (doravante Pessoa), nascido em 13 de junho de 1888 em Lisboa, Portugal. Pessoa foi um dos fundadores do Orfismo, movimento criado a partir da Revista *Orpheu*, publicada e composta por artistas plásticos e escritores em 1915 e que marca a primeira fase do Modernismo em Portugal, do qual Pessoa é considerado o maior nome.

Pessoa se mudou para a África do Sul quando ainda era muito novo, país em que viveu por cerca de nove anos, retornando a Portugal somente aos dezessete. Por conta de ter vivido um período significativo da infância e adolescência dentro de uma colônia inglesa, o poeta teve a oportunidade de aprender o inglês como sua segunda língua, e não foram apenas aspectos linguísticos que lhe foram apresentados. Como destaca Mafra em sua análise tradutória *Nas Asas do Corvo* (2010, p. 47), o autor português “fala, lê, estuda e escreve em inglês, incorporando junto com o idioma os hábitos, costumes, modos de ser, filosofia de vida, próprios de seu novo país, sobretudo da cultura do colonizador”. Levando isso em consideração, não é de se surpreender que Pessoa tenha produzido obras em inglês, assim como tenha realizado diferentes traduções a partir da língua de Shakespeare.

O conhecimento do inglês possibilitou o contato com inúmeras obras famosas, isso se prova no fato de que Pessoa realizou traduções de obras de cunho teosófico, como *The Voice of the Silence* (1889) de Helena Petrovna Blavatsky e também obras literárias, tais como os poemas “Annabel Lee” e “The Raven” de Edgar A. Poe. O contato de autores como Poe, Charles Webster Leadbeater e Annie Wood Besant também aproximou o autor de obras com temas relacionados ao ocultismo e ao esoterismo, outra informação relevante para entender seu processo tradutório de “O Corvo”. Pessoa também realizou traduções do português para o inglês com obras de Camões, Raul Leal, António Botto, entre outros, demonstrando ainda mais seu domínio da língua inglesa.

Quando falamos de Fernando Pessoa existe uma característica peculiar e curiosa de sua produção poética: a existência de seus inúmeros heterônimos, isto é, personalidades de pessoas criadas pelo próprio autor, das quais ele se utilizava para realizar publicações sem receber o mérito por determinada obra. No que se refere às “personalidades”, mencionadas antes, encontramos identidades completas, com datas de nascimento, idades, nomes e histórias de vida próprias, completamente distintas do autor que as criou. Era por meio do uso de seus heterônimos que Pessoa realizava a produção de obras com teor e estilos poéticos distintos, e fazia essa distinção de maneira tão efetiva que existiam aqueles que só vieram a descobrir que não se tratavam de autores reais após muito tempo da publicação das obras.

Pessoa tratava cada heterônimo como uma pessoa completamente diferente com pensamentos distintos, de forma que como dito por ele mesmo “Não há que buscar em quaisquer um deles ideias ou sentimentos meus, pois muitos deles exprimem ideias que não aceito, sentimentos que nunca tive” (Pessoa, 1974, p. 87). Vale ressaltar também que a quantidade de heterônimos é enorme e, no decorrer dos anos, novos vêm sendo descobertos. Dentre eles, quatro heterônimos são mais conhecidos, a saber: Alberto Caeiro, Álvaro Campos, Ricardo Reis e Bernardo Soares, cada um dispendo de estilos de escrita e visões de mundo diferenciados, que variam de uma adoção do sensacionismo⁵ ou do estoicismo⁶ até a utilização da escrita fragmentada. Caso singular na literatura mundial, o fenômeno dos heterônimos é visto como uma maneira que Pessoa encontrou para explorar diferentes perspectivas e vozes poéticas, refletindo sobre temas existenciais, filosóficos e culturais de

⁵ Sensacionismo - doutrina filosófica que atribui às sensações a gênese do conhecimento humano e serviu de base para a criação de uma das correntes vanguardistas do primeiro modernismo português.

⁶ Estoicismo – doutrina filosófica fundada por Zenão de Cítio (335-264 a.C.), e desenvolvida por várias gerações de filósofos, que se caracteriza por uma ética em que a imperturbabilidade, o domínio das paixões e a aceitação resignada do destino são as marcas fundamentais do homem sábio, o único apto a experimentar a verdadeira felicidade.

forma que seria impossível de fazer com uma única identidade. Além disso, Pessoa continua sendo muito admirado pelas obras assinadas com seu próprio nome, os chamados poemas ortônimos, caracterizados por uma introspecção profunda e por um tom mais melancólico e reflexivo.

4 TRADUÇÕES DOS AUTORES

Nesta seção, serão feitas comparações entre as traduções de Assis e Pessoa com a obra original de Poe. Ela está dividida em duas subseções: a primeira dedicada à tradução de Assis e a segunda à de Pessoa. Em seguida, em uma terceira subseção faremos uma comparação entre as duas traduções.

Dada a extensão do poema de Poe, com suas 18 estrofes e 108 versos, faremos recortes específicos para realizar as comparações. Para tanto, serão analisadas a primeira, a segunda, a sétima, a oitava, a antepenúltima e a última estrofes, tanto na obra original quanto nas traduções dos dois autores. Essas estrofes foram escolhidas por conterem elementos essenciais para a análise, como alterações estruturais, diferenças rítmicas ou similaridades entre as versões.

4.1 O Corvo Machadiano

Assis foi responsável por diferentes traduções ao longo de sua vida, dentre elas, encontra-se a tradução do poema “The Raven”. Vale ressaltar que o autor optou por não realizar uma tradução direta do inglês para o português, mas sim, a partir da tradução francesa feita por Baudelaire intitulada “Le Corbeau”. A razão de sua escolha, muito provavelmente, se deve ao fato de que Assis estudou francês durante a época de um de seus empregos em uma padaria, o que o levou a optar pelo idioma do qual tinha mais domínio, o francês.

Partindo da tradução de Baudelaire, Assis precisou realizar uma tradução de uma obra que já havia sido modificada, visto que, como informado por Daniel Serravalle de Sá (2015) “ao invés de manter a estrutura versificada do poema, Baudelaire escolhe abordar o poema por meio de uma prosa poética, pois achava que o francês não poderia recriar a ‘magia’ verbal do texto-fonte (ele abre mão da forma em função do conteúdo).” Mesmo lidando com uma obra que já abria mão da forma original do poema de Poe, Assis ainda exercitou sua liberdade criativa ao provocar mudanças no conteúdo e estrutura presentes na versão baudelaيرية. Esse método de tradução gerou comentários de diferentes estudiosos, como o crítico John Gledson que destaca:

Em muitas das suas traduções, Machado muda o talhe do verso original para se dar mais liberdade. Em *The Raven*, inventa um outro, muito diferente do original, tão rígido quanto, e que, sobretudo, consegue usar de maneira a permitir um ritmo natural e suficientemente variado. (1998, p. 10).

Em outras palavras, Assis passa a “inventar” uma versificação diferente, mudando a estrutura da obra fonte, característica que não havia sido alterada nem mesmo na tradução francesa, realizada por Baudelaire. Essa diferenciação distancia a tradução de Assis da obra fonte de Poe. No entanto, como discutido por Daniel Serravalle de Sá (2015), serve como uma adaptação do conto anglófono ao contexto nacional, formando assim uma ideia inicial de uma

identidade literária brasileira. Para que as diferenças estruturais entre as obras possam ser analisadas de maneira mais clara, seguem abaixo a primeira estrofe da obra fonte de Poe e da tradução de Assis, respectivamente:

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,
 Over many a quaint and curious volume of forgotten lore—
 While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,
 As of some one gently rapping, rapping at my chamber door.
 “’Tis some visitor,” I muttered, “tapping at my chamber door—
 Only this and nothing more.” (Poe, 1945).

Em certo dia, à hora, à hora
 Da meia-noite que apavora,
 Eu caindo de sono e exausto de fadiga,
 Ao pé de muita lauda antiga,
 De uma velha doutrina, agora morta,
 Ia pensando, quando ouvi à porta
 Do meu quarto um soar devagarinho
 E disse estas palavras tais:
 “É alguém que me bate à porta de mansinho;
 Há de ser isso e nada mais.” (Assis, 1883).

Ao analisá-los lado a lado, é perceptível como Poe usa uma organização de seis versos, utilizando um refrão e uma estrutura poética mais curta no último verso (mais especificamente um tetrâmetro cataléptico⁷), esta mesma estrutura é mantida no decorrer de todo o poema, que é composto por um total de 18 estrofes, totalizando assim 108 versos, como especificado por Poe no ensaio “The Philosophy of Composition” (1846). Em contrapartida, Assis modifica a versificação em sua tradução, originando um poema narrativo com 10 versos por estrofe, totalizando uma tradução com 180 versos. Apesar disso, como descrito por Mafra (2010, p. 47) o autor consegue manter um ritmo natural e bastante variado no decorrer de sua tradução. Vale ressaltar que segundo Poe descreve em seu famoso ensaio sobre “O Corvo”, o tamanho de sua obra havia sido pensado de maneira que a extensão da mesma não comprometesse a possibilidade da leitura feita de uma só vez, visto que, ainda de acordo com ele “a brevidade deve estar em proporção direta com a intensidade do efeito desejado” (Poe, 2017, p. 344 - tradução de Marcia Heloisa), efeito descrito pelo autor como a beleza, nesse caso, adotando um tom de melancolia.

Quando chegamos na segunda estrofe do poema, é possível perceber que embora o conteúdo tenha se mantido relativamente o mesmo, Assis utilizou estratégias de escrita mais comuns na literatura machadiana, com versos mais curtos que o texto fonte e a ausência de travessões. Além disso, o texto foi escrito de maneira mais objetiva, característica muito presente no período do Realismo, do qual Assis foi um expoente no Brasil, e que buscava reduzir a idealização presente em muitos textos românticos.

Em seguida, temos um recorte de um trecho dos quatro últimos versos da segunda estrofe de Poe, juntamente com os cinco últimos versos da segunda estrofe de Assis, buscando

⁷ Entende-se por **verso tetrâmetro cataléptico** um verso com quatro pés métricos (tetrâmetro) e que termina de forma cataléptica, isto é, com um pé métrico incompleto. Em “The Raven”, Poe utiliza predominantemente o tetrâmetro trocaico cataléptico, no qual cada verso é composto por quatro pés trocaicos (uma sequência de uma sílaba tônica seguida de uma sílaba átona), mas o último pé é cataléptico, ou seja, perde a sílaba final, terminando em uma sílaba tônica. Essa estrutura cria uma sensação de encerramento abrupto e reforça o tom sombrio e insistente do poema.

assim mostrar o mesmo conteúdo presente, que estarão destacados em negrito, apesar da forma diferente utilizada:

Eagerly I wished the morrow;—**vainly** I had sought to borrow
From my books surcease of sorrow—sorrow for the lost **Lenore**—
For the rare and radiant maiden whom the angels name **Lenore**—
Nameless here for evermore. (Poe, 1945 – grifo nosso).

Sacar daqueles livros que estudava
Repouso (**em vão!**) à dor esmagadora
Destas saudades imortais
Pela que ora nos céus anjos chamam **Lenora**,
E que ninguém chamará jamais. (Assis, 1883 – grifo nosso).

Nesse exemplo, ao analisarmos o uso da palavra “vainly” utilizada de maneira direta no corpo do texto de Poe, perceberemos que a sua equivalência linguística para Assis seria “Em vão!”, no entanto, o autor brasileiro optou pelo uso do parênteses, ao adicionar a informação de um repouso não eficiente para uma dor. Outra mudança perceptível é o fato de que Poe menciona o nome da mulher amada já falecida duas vezes ao falar “Lenore”; já Assis, apesar de utilizar mais versos para a construção de suas estrofes, apenas menciona o nome da mulher amada uma única vez e modifica a sua vogal final para um nome que poderia se coadunar melhor à natureza da língua portuguesa, “Lenora”, tornando assim a palavra mais familiar. Sobre este ponto, é bom lembrar que, em relação ao conteúdo, a mudança do nome não seria obrigatória e, muitas vezes, não é realizada em exercícios de tradução com nomes próprios.

É interessante destacar que, por mais que ao compararmos a obra fonte de Poe e a tradução de Assis, possam existir semelhanças e distinções, as motivações por trás de seus usos podem variar de acordo com o contexto apresentado. Para demonstrar isso, exponho em seguida os dois últimos versos da sétima estrofe de Poe, seguida dos quatro últimos versos da sétima estrofe de Assis:

Perched upon a **bust of Pallas** just above my chamber door—
Perched, and sat, and nothing more. (Poe, 1945 – grifo nosso).

Movendo no ar as suas negras **alas**.
Acima voa dos portais,
Trepá, no alto da porta, em um **busto de Palas**;
Trepado fica, e nada mais. (Assis, 1883 – grifo nosso).

Neste trecho do poema, que acontece durante a primeira aparição da ave epônima, a menção de um busto de Palas surge como uma forma de contraste entre a plumagem escura do pássaro e o mármore branco da estátua. Além disso, essa estátua representaria a erudição do protagonista em contraposição ao pensamento supersticioso trazido pela ave, como explicado pelo próprio Poe em “The Philosophy of Composition” (1846). Entretanto, em sua obra, Poe também destaca que o uso específico da expressão “bust of Pallas” surgiu por conta da sonoridade da palavra “Pallas”, buscando manter a métrica estabelecida dentro do verso. Em contrapartida, ao analisarmos a tradução de Assis, a expressão se mantém, porém, dessa vez é utilizada como uma rima da palavra “alas” mencionada a um verso de distância. Para

demonstrar a necessidade de distinções culturais na tradução, abaixo encontra-se um trecho dos dois últimos versos da oitava estrofe de ambos os autores:

Tell me what thy lordly name is on the **Night's Plutonian shore!**
Quoth the Raven "Nevermore." (Poe, 1945 – grifo nosso).

Como te chamas tu na grande **noite umbrosa?**
E o Corvo disse: "Nunca mais." (Assis, 1883 – grifo nosso).

Na oitava estrofe, caracterizada pela primeira “fala” emitida pelo corvo, o autor brasileiro utiliza uma expressão diferente da obra fonte para se referir a noite da qual a ave surge. Na obra de Poe, o autor utiliza a expressão “Night’s Plutonian Shore” como uma referência ao deus Pluto⁸ da mitologia romana que representa o deus do submundo, fazendo uma relação da figura do corvo que, segundo diferentes superstições, costuma ser associada à morte e ao mau agouro, a um possível mau presságio, transformando, por meio das palavras, a criatura aparentemente normal, em algo mais macabro. Contudo, na tradução de Assis não é possível identificar nenhuma referência mitológica, mas sim, o uso da palavra “umbrosa” que vem do latim “*umbrosus*”⁹ com o significado de sombrio, que tem sombra ou pouca luz, demonstrando assim o preciosismo linguístico do autor, ao utilizar palavras pouco conhecidas para conferir um tom enigmático e mais poético para a aparição da ave.

Nessa mesma estrofe, surge também o primeiro exemplo da tradução da palavra oralizada pelo Corvo no restante do conto. A palavra “nevermore”, que foi escolhida pelo autor anglófono por conta da sonoridade de sua vogal “o” e consoante “r” que juntas produzem um som estendido, quase um eco, contribuindo para o efeito melancólico e hipnótico do poema. Em razão das diferenças entre as línguas, uma equivalência para o português com apenas uma palavra não seria possível, por esse motivo, Assis utiliza uma locução com duas palavras que transmitem o mesmo sentido, mantendo assim o significado, apesar de modificar a sonoridade estabelecida pelo texto fonte.

No ensaio “The Philosophy of Composition” (1846), mencionado acima, Poe descreve que para que qualquer enredo de qualidade seja elaborado, seu desdobramento precisa ser desenvolvido primeiro (Poe, 2017), por esse motivo, decidiu começar a escrita de seu poema pelo seu clímax, o qual, segundo ele, ocorre na décima sexta estrofe, transcrita abaixo:

“Prophet!” said I, “thing of evil!—prophet still, if bird or **devil!**
By that **Heaven** that bends above us—by that **God** we both adore—
Tell this soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,
It shall clasp a sainted **maiden whom the angels name** Lenore—
Clasp a rare and radiant **maiden whom the angels name** Lenore.”
Quoth the Raven “Nevermore.” (Poe, 1945 – grifo nosso).

“Profeta, ou o que quer que sejas!
Ave ou **demônio** que negrejas!
Profeta sempre, **escuta, atende, escuta, atende!**
Por esse céu que além se estende,
Pelo **Deus** que ambos adoramos, fala,
Dize a esta alma se é dado inda escutá-la

⁸ Chamado de “Plutão” em português, este deus corresponde ao Hades grego, senhor do submundo. Em sua versão romanizada foi associado às riquezas do subsolo, os minérios.

⁹ “*umbrosus*” também vem do latim “*umbra*” que significa “sombra”.

No **Éden celeste** a virgem que ela chora
 Nestes retiros sepulcrais.
 Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora!”
 E o Corvo disse: “Nunca mais.” (Assis, 1883 – grifo nosso).

No clímax da história ambos os autores concordam no conteúdo transmitido pelas palavras, apesar das diferenças entre as línguas, a menção de demônios, de Deus, alma e paraíso se faz presente, apenas modificando o que é necessário para que, no caso de Poe, a métrica estabelecida seja mantida e no caso de Assis, além da métrica, as rimas permaneçam consistentes no decorrer de seus dez versos. Vale ressaltar que em meio a semelhança de ambas as estrofes, uma prece é realizada pelo protagonista, nela cada autor se utilizou de estratégias similares para o efeito dramático da cena. No caso de Poe, houve a repetição do trecho “maiden whom the angels name Lenore”¹⁰ no quarto e quinto verso, para enfatizar a ansiedade e aflição do falante; enquanto que Assis utiliza “escuta, atende, escuta, atende” em seu segundo verso, com a mesma intenção de demonstrar o tom aflito e desesperado do personagem.

Concluindo a análise da tradução de Assis, o desfecho da obra também precisa ser analisado, visto que, apesar das semelhanças, a última estrofe serve como exemplo do preciosismo linguístico utilizado por Assis, bem como de sua capacidade vocabular para enfatizar, ainda mais, o tom do poema. Abaixo, transcrevo a décima oitava e última estrofe do poema “The Raven” de Poe e da tradução de Assis, respectivamente:

And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting
 On the **pallid** bust of Pallas just above my chamber door;
And his eyes have all the seeming of a **demon**'s that is dreaming,
And the lamp-light o'er him **streaming** throws **his shadow** on the floor;
And my soul from out that shadow that lies floating on the floor
 Shall be lifted—nevermore! (Poe, 1945 – grifo nosso).

E o **Corvo** aí fica; ei-lo trepado
 No **branco mármore** lavrado
 Da antiga Palas; ei-lo **imutável, ferrenho**.
 Parece, ao ver-lhe o **duro cenho**,
 Um **demônio** sonhando. A luz caída
 Do lampião sobre a **ave aborrecida**
 No chão **espraia a triste sombra**; e fora
 daquelas linhas **funerais**
 Que flutuam no chão, a minha alma que chora
 Não sai mais, nunca, nunca mais! (Assis, 1883 – grifo nosso).

A última estrofe dos dois autores se inicia com a menção ao pássaro que, desde a segunda edição da obra de Poe, permanece destacado com letra maiúscula, demonstrando que não se trata de um corvo qualquer, característica repetida por Assis. Ao usar a maiúscula, Poe confere ao corvo um status de personagem ativo, como se fosse um ser com intenção e consciência. Ele não é apenas uma ave que repete palavras; ele se torna uma representação do destino, da perda e da impossibilidade de redenção ou alívio do sofrimento, intenção preservada por Assis. Em seguida, a descrição da criatura, escura e estática, sobre o branco do mármore reforça o contraste estabelecido anteriormente, além de demonstrar a sua

¹⁰ “Dama que os anjos chamam Lenora” verso da décima sexta estrofe de “The Raven” (Poe, 1845, Tradução nossa).

imponência frente ao protagonista. Analisando o uso das palavras mais detalhadamente, é perceptível que o uso do polissíndeto, expresso na repetição da conjunção aditiva “and” (e), no início da maioria dos versos de Poe, cria uma sensação de continuidade dentro da situação pesada e angustiante, que parece não ter fim. Por sua vez, Assis recria a mesma atmosfera pesada por meio do uso de adjetivos com conotação negativa como “triste”, “aborrecida” e, no último verso, repete e duplica o advérbio “nunca”, intensificando o fim desolador que envolve o protagonista. Chama a atenção ainda o uso da palavra “espraia” no sétimo verso de Assis, que mais uma vez demonstra o exemplo de um vocabulário que nos dias atuais poderia ser considerado antiquado, mas que transmite a ideia de que a sombra está se alastrando sobre o ambiente, assim como a atmosfera lúgubre criada pela seleção vocabular dos adjetivos “imutável”, “ferrenho”, “duro”, “triste” e “funerais”, bem como dos substantivos “cenho”, “demônio” e “sombra”.

Como mencionado por Cruz (2005) e reforçado por Mafra (2010) em seu trabalho intitulado “Nas Asas do Corvo”, Assis realizou mudanças na estrutura do texto fonte, de modo que parecem ter sido propositais, gerando um efeito que ultrapasse a mera tradução direta para outra língua: a criação de uma identidade literária nacional, em um país que se encontrava marcado por inúmeras mudanças sociais e culturais.

No subtópico seguinte, buscamos analisar a tradução de Pessoa. Por questão de entendimento, utilizamos os mesmos trechos de “The Raven” citados durante a análise da tradução de Assis.

4.2 O Corvo de Pessoa

Pessoa traduziu “The Raven” em 1924. De acordo com suas palavras, sua tradução para o português tinha a intenção de preservar ao máximo as estruturas rítmicas da obra fonte (Mafra, 2011, p. 48), objetivo esse que, como destacado por Rodrigues (2000), foi alcançado pelo autor, visto que, Pessoa conseguiu expressar a carga poética dos refrões em inglês em outro idioma. Para demonstrar de maneira mais clara as escolhas tradutórias do autor, no decorrer desta análise, trechos da obra de Poe serão expostos lado a lado com a tradução feita por Pessoa. Abaixo, a primeira estrofe da obra fonte, seguida da tradução:

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore—
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,
As of some one gently rapping, rapping at my chamber door.
“’Tis some visitor,” I muttered, “tapping at my chamber door—
Only this and nothing more.” (Poe, 1945).

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,
Vagos curiosos tomos de ciências ancestrais,
E já quase adormecia, ouvi o que parecia
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.
“Uma visita”, eu me disse, “está batendo a meus umbrais.
É só isto, e nada mais.” (Pessoa, 1924).

Logo na primeira estrofe é possível perceber que o autor português buscou aproximar sua tradução da obra fonte por meio da utilização da mesma quantidade de versos, essa

característica é destacada por Sá (2015, p. 16), o qual menciona que a tradução de Pessoa “busca preservar o sentido, a cadência e os componentes rítmicos presentes no poema em inglês”. Além disso, o uso de palavras terminadas com “ais” são muito presentes em toda a tradução, uma possível tentativa de preservar o ar lamurioso e o tom melancólico do poema original. Dentre as palavras terminadas em “ais” se encontra “umbrais”, palavra essa que é utilizada diversas vezes (14), para indicar a porta de entrada da casa do protagonista, sua repetição é tão característica da tradução de Pessoa, que é possível identificá-la apenas pela menção da palavra.

Apesar da busca pela geração de semelhanças, realizada pelo autor português, diferenças no seu texto também são facilmente identificáveis, como nos últimos três versos de sua segunda estrofe:

P’ra esquecer (em vão!) a amada, hoje entre hostes celestiais –
Essa **cujo nome** sabem as hostes celestiais,
Mas **sem nome** aqui jamais! (Pessoa, 1924 – grifo nosso).

Note que, em sua tradução, Pessoa opta por omitir o nome da mulher amada e falecida, chamada pelo eu-lírico de “Lenore”, conforme demonstra o quinto verso da segunda estrofe da obra fonte: “For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore”¹¹. Essa escolha confere à personagem uma aura divindade e adoração, sugerindo que seu nome é tão sagrado que não pode ser diretamente mencionado no corpo do poema. Assim, embora sua presença seja perceptível ao longo do texto, sua evocação é indireta, o que contribui para torná-la uma figura ainda mais universal.

Quando chegamos à sétima estrofe do poema, tanto no texto fonte quanto na tradução de Pessoa, ocorre a primeira aparição do corvo. No texto de Poe, dentro do quinto verso da mesma estrofe, é mencionado que o pássaro pousa sobre o “bust of Pallas” (busto de Palas), essa mesma informação é mencionada na tradução de Pessoa, no entanto, o autor português optou por substituir a menção de “Palas” pelo nome “Athena”, deusa da sabedoria da mitologia grega, evidenciando de forma mais direta o contraste buscado pelo autor original ao representar visualmente que a racionalidade do protagonista está ameaçada pela mensagem do pássaro considerado de mau agouro. Vale ressaltar que “Pallas” mencionado no texto fonte também se refere à Athena, mas, Pessoa torna a referência mais identificável para um número maior de leitores, visto que esse é o nome mais conhecido da deusa mitológica.

Ao investigarmos as escolhas tradutórias de Pessoa, ao longo da oitava estrofe do poema, mais especificamente no quinto verso, percebemos que ele, mais uma vez, simplifica o entendimento do que é dito na língua original do texto, no trecho em que Poe utiliza a expressão “Night’s Plutonian shore!” como uma referência mitológica, no momento em que o eu-lírico pergunta o nome do pássaro. Essa simplificação é feita quando o tradutor transforma a frase em “Dize-me qual o teu nome lá nas **trevas infernais**”, tirando assim a menção mitológica original do texto, mas, mantendo o sentido relacionado ao inferno/submundo presente na referência à Plutão, a versão romana de Hades, o deus do submundo, como já explicado acima. Por consequência, o caráter sombrio e a imponência dada à criatura emplumada permanecem em evidência, mesmo que, por meio de outras palavras.

¹¹ “Pela rara e radiante dama que os anjos chamam de Lenore”, tradução nossa.

Partindo para a décima sexta estrofe do poema, encontramos, como já mencionado anteriormente, o que Poe identifica como o clímax da história. Quando comparamos com a tradução realizada por Pessoa, acabamos nos deparando com inúmeras semelhanças de sentido, estrutura frasal e rimas. No entanto, ainda assim, por questões de consistência, o autor opta por omitir o nome da personagem amada pelo protagonista. Segue abaixo o recorte das estrofes dos dois autores:

“Prophet!” said I, “thing of evil!—prophet still, if **bird or devil!**
By that **Heaven** that bends above us—by that **God** we both adore—
Tell this soul with sorrow laden if, within the distant **Aidenn,**
It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore—
Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore.”
Quoth the Raven “Nevermore.” (Poe, 1945 – grifo nosso).

“Profeta”, disse eu, “profeta – ou **demônio ou ave preta!** –
Pelo **Deus** ante quem ambos somos fracos e mortais,
Dize a esta alma entristecida, se no **Éden** de outra vida,
Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais,
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais!”
Disse o Corvo, “Nunca mais”. (Pessoa, 1924 – grifo nosso).

Nessa estrofe, o autor português buscou manter o tom e a atmosfera apresentados na obra de Poe. Ao mencionar “demônio”, “ave preta”, “Profeta” e “Éden”, o conteúdo vocabular do português se assemelha nitidamente ao que foi apresentado na obra fonte, mesmo assim, o fato de não mencionar o nome “Lenore” torna esta tradução diferente de outras. Vale a pena destacar, mais uma vez, como o uso de palavras terminadas em “ais” se fazem presente no corpo de toda a tradução de Pessoa.

Um pouco após o clímax da história, alcançamos o seu dramático desfecho. Para evidenciar melhor este trecho, segue abaixo o recorte da décima oitava estrofe de Poe, seguida pela versão de Pessoa:

And the Raven, never flitting, **still is sitting, still is sitting**
On the pallid **bust of Pallas** just above my chamber door;
And his eyes have all the seeming of a demon’s that is dreaming,
And the lamp-light o’er him streaming throws his shadow on the floor;
And my soul from out that shadow that lies floating on the floor
Shall be lifted—nevermore! (Poe, 1945 – grifo nosso).

E o Corvo, na noite infinda, **está ainda, está ainda,**
No alvo **busto de Atena** que há por sobre os meus umbrais.
Seu olhar tem a medonha dor de um demônio que sonha,
E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão mais e mais.
E a **minh’alma** dessa sombra que no chão há de mais e mais,
Libertar-se-á... nunca mais! (Pessoa, 1924 – grifo nosso).

No desfecho, podemos concluir que Pessoa manteve sua proposta original de estabelecer uma correspondência entre a obra-fonte e sua tradução. Ele preserva o polissíndeto característico de Poe ao empregar a conjunção aditiva “E” no início de quase todos os versos, transmitindo a ideia de continuidade de tom e atmosfera. Além disso, respeita a repetição da frase “está ainda”, equivalente ao “still is sitting” do original. O tradutor também opta por mencionar “Atena” em vez de “Pallas”, alinhando-se à sua abordagem

inicial. Por fim, no verso final, Pessoa utiliza reticências para recriar a pausa dramática presente no inglês, marcada pelo travessão antes da palavra final.

Pessoa certamente tomou liberdades criativas ao longo de seu processo tradutório. No entanto, também buscou preservar uma significativa correspondência com o conteúdo e a estrutura estabelecidos pelo autor original, decisão influenciada, sem dúvida, por seu profundo contato com a língua inglesa desde a infância, numa prática reforçada por seus estudos, sua produção literária diretamente em inglês e suas experiências como tradutor.

4.3 Espelhando Traduções de Assis e Pessoa

Antes da comparação ser iniciada, é necessário dizer que sua intenção não é definir qual dos dois autores produziu uma tradução melhor, visto que, cada autor se utilizou de suas melhores habilidades para trazer a obra anglófona para a língua portuguesa.

Cada tradução teve influência do contexto histórico da época. No caso de Machado de Assis, analisamos uma obra que surgiu do resultado da ascensão do Realismo e de um autor extremamente autoral, com diversas obras publicadas anteriormente, dentre elas traduções em diferentes gêneros literários, variando desde contos, romances e poesia até peças teatrais e ensaios. No caso de Fernando Pessoa, lidamos com um autor que marca o Modernismo e é por ele marcado, sendo o movimento literário vigente em sua época e no qual ele teve influência direta. Pessoa também foi autor de obras produzidas diretamente na língua inglesa, fruto do seu domínio do idioma, conhecimento que influenciou cada tradução que ele realizou.

Com isso em mente, passamos à comparação das obras, utilizando as estrofes e versos previamente analisados como ferramentas para contrastar as traduções. A seguir, apresentam-se as primeiras estrofes das traduções de Assis e Pessoa, respectivamente:

Em certo dia, à hora, à hora
Da meia-noite que apavora,
Eu caíndo de sono e exausto de fadiga,
Ao pé de muita lauda antiga,
De uma velha doutrina, agora morta,
Ia pensando, quando ouvi à porta
Do meu quarto um soar devagarinho
E disse estas palavras tais:
“É alguém que me bate à porta de mansinho;
Há de ser isso e nada mais.” (Assis, 1883).

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,
Vagos curiosos tomos de ciências ancestrais,
E já quase adormecia, ouvi o que parecia
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.
“Uma visita”, eu me disse, “está batendo a meus umbrais.
É só isto, e nada mais.” (Pessoa, 1924).

À primeira vista, logo fica evidente que a proposta tradutória dos autores seguiu caminhos diferentes. Enquanto Assis demonstra sua liberdade criativa e desejo de contribuir com a criação de uma identidade nacional brasileira, ao produzir sua tradução Pessoa busca assemelhar sua tradução com as ideias estabelecidas pelo autor da obra fonte. A partir da simples contagem de versos, da análise rítmica e de pequenas características distintas,

podemos ver estilos poéticos diferentes, influenciados pelo conhecimento e pelos objetivos de cada poeta tradutor. Até mesmo nos dois últimos versos, percebemos uma distinção: enquanto Pessoa interrompe a fala do personagem ao indicar “eu me disse” em meio a sua afirmação, Assis descreve sua fala sem interrupções, sendo mais objetivo.

Quando seguimos para a segunda estrofe, lidamos mais uma vez com a liberdade criativa dos autores, como pode ser visto no recorte dos últimos quatro versos da tradução de Assis, seguidos dos últimos três versos de Pessoa, transcritos abaixo:

Repouso (**em vão!**) à dor esmagadora
Destas saudades imortais
Pela que ora nos céus anjos chamam **Lenora**,
E que ninguém chamará jamais. (Assis, 1883 – grifo nosso).

P’ra esquecer (**em vão!**) a amada, hoje entre hostes celestiais –
Essa **cujo nome** sabem as hostes celestiais,
Mas sem nome aqui jamais! (Pessoa, 1924 – grifo nosso).

Ao analisarmos o uso do “em vão” nos versos de ambos os autores podemos identificar uma semelhança perfeita na estratégia dos autores ao transpor o advérbio “vainly” da obra fonte. Percebe-se que em termos linguísticos, ambos não tinham muita escolha. Não seria possível transpor o advérbio do inglês “vainly” como uma palavra só “vãmente”, soaria estranho, por esse motivo, optaram pela locução adverbial de modo “em vão”. Além disso, os dois autores utilizam não apenas a mesma expressão, mas também, recorrem ao parênteses para adicioná-la a seus textos. Ainda assim, por mais que semelhanças estejam presentes, a omissão do nome “Lenore” no corpo do texto de Pessoa demonstra um distanciamento da proposta inicial do texto de Poe, buscando tornar a personagem mais misteriosa, estratégia contrária à do autor brasileiro que optou por modificar levemente o nome da personagem para “Lenora” mantendo sua menção direta.

Considerando a sétima estrofe das traduções realizadas, podemos identificar mais uma divergência nas estratégias de traduções dos dois autores, mais especificamente em seus penúltimos versos. Enquanto Assis opta por manter a terminologia apresentada por Poe ao mencionar “o busto de Palas” em seus versos, o autor português busca trazer uma identificação mais direta do busto de mármore apresentado no poema, usando “busto de Atena” como seu equivalente de tradução. Porém, vale ressaltar que os autores exercem sua liberdade criativa em momentos distintos de seus processos tradutórios, como se pode ver na estrofe seguinte.

Na oitava estrofe, ambos os autores escolheram omitir a menção mitológica direta utilizada no texto de Poe no verso que fala da “Night’s Plutonian shore”. Enquanto Assis menciona uma “noite umbrosa”, vemos Pessoa tomar um caminho mais intenso ao falar de “trevas infernais”, quando o eu-lírico se refere ao corvo. No entanto, logo em seguida, no último verso da última estrofe, percebemos uma grande semelhança nas estratégias tradutórias, quando ambos os autores utilizam “nunca mais” como equivalente do termo “nevermore” da obra fonte. Ao analisar a mudança da palavra “enunciada” pelo corvo é perceptível que os dois autores encontraram o mesmo impasse: a intraduzibilidade presente na transposição de um texto ou vocábulo de uma língua para a outra. Essa característica pode influenciar diretamente qualquer aspecto que se refere a diferenças gramaticais e culturais

entre uma língua e outra, dessa forma “o que a multiplicidade de idiomas vai limitar não é apenas uma tradução ‘verdadeira’, uma entr’expressão transparente e adequada, mas também uma ordem estrutural” (Derrida, 2006, p. 11-12). Por conta disso, muitas vezes, os tradutores têm que sacrificar a equivalência estrutural em função da apresentação do conteúdo apresentado ou o inverso.

No clímax do poema, presente na décima sexta estrofe da obra fonte e de suas traduções, encontramos uma utilização de simbologia parecida no produto tradutório dos autores apresentados. Enquanto Assis usa “Ave ou demônio que negrejas!” Em seu segundo verso, Pessoa menciona “ou demônio ou ave preta!”, mantendo a relação análoga demoníaca e sombria dada ao corvo na obra fonte. A menção a Deus também está presente em ambas as traduções, assim como o uso de “Éden”, que por vezes é mencionado como “Heaven” ou até como “Aidenn” no texto de Poe. Destaca-se que mesmo havendo semelhantes em termos simbólicos, Pessoa ainda opta por não mencionar o nome da amada falecida, o que fez ao longo de toda sua tradução, característica que mais uma vez diferencia seu texto do que foi produzido pelo autor brasileiro.

E é então que em meio ao drama e às sombras que permeiam o poema de Poe, analisamos a última estrofe de ambos os excelentes autores e tradutores, onde uma convergência de ideias se mantém em toda estrofe. Segue abaixo a última estrofe nas traduções de Machado e Pessoa:

E o Corvo aí fica; ei-lo **trepado**
No branco mármore lavrado
 Da antiga **Palas**; ei-lo **imutável**, ferrenho.
 Parece, ao ver-lhe o duro cenho,
 Um demônio sonhando. A luz caída
 Do lampião sobre a ave aborrecida
 No chão espraia a triste sombra; e fora
 Das linhas funerais
 Que flutuam no chão, a minha alma que chora
 Não sai mais, **nunca, nunca** mais! (Assis, 1883 – grifo nosso).

E o Corvo, na noite infinda, **está ainda**, está ainda,
No alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais.
 Seu olhar tem a medonha dor de um demônio que sonha,
 E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão mais e mais.
 E a minh’alma dessa sombra que no chão há de mais e mais,
Libertar-se-á... nunca mais! (Pessoa, 1924 – grifo nosso).

O Corvo imóvel, ainda diante do jovem em luto, pousado acima da estátua de uma deusa grega que representa a sabedoria e a racionalidade, numa ambientação desoladora de angústia e loucura, em meio a escuridão da noite tempestuosa, preenchida pela tristeza da morte de uma mulher amada. Todas essas informações são preservadas e transmitidas por ambos os autores em suas respectivas traduções. Apesar do uso de ferramentas diferentes, seja pela presença das reticências na versão de Pessoa em contraposição a repetição de “nunca” no último verso da versão machadiana, seja a especificação do nome de Atena de Pessoa, ou na expressão “busto de Palas” de Assis, os dois autores concluem suas traduções de maneira triunfal, fazendo culminar a tristeza e aflição do eu-lírico com um final desolador, ainda que marcado pelas características de suas respectivas eras literárias.

Concluimos, portanto, que, apesar de suas semelhanças e diferenças, ambas as traduções analisadas cumprem o papel de introduzir o leitor a uma obra rica em aspectos culturais de forma acessível e envolvente. Por meio dessas traduções, muitas pessoas, ao longo do tempo, tiveram a oportunidade de conhecer as obras de Edgar Allan Poe e explorar um novo universo de possibilidades rítmicas, métricas e poéticas que, sem elas, poderiam permanecer inacessíveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nossa análise, percebemos que diferentes aspectos podem ter influência durante o processo de tradução de um texto de uma língua para outra. Durante nosso trabalho focamos na tradução poética, mais especificamente, de um poema do Romantismo gótico norte-americano, um estilo de texto literário que é composto por temas sombrios e macabros, mas que, mesmo assim, consegue demonstrar beleza por meio de sua ritmicidade, métrica e das formas exóticas de se apresentar as mais diversas situações.

Também destacamos que essas traduções surgiram como portas de entrada para um novo mundo de conhecimentos literários até os dias de hoje, em lugares que vão muito além do país em que foram inicialmente produzidas, como também acontece com a obra fonte “The Raven” de Poe. É por meio da literatura que diferentes autores expressam seus sentimentos e criam novas formas de olhar, possibilitando que a visão de mundo de alguém possa ser expandida. Seja por meio do papel ou com o advento da era digital, o exercício da criatividade humana nunca deixará de existir, pois, criamos a cada dia uma nova perspectiva.

Além disso, durante a análise identificamos características da vida de Machado de Assis e Fernando Pessoa que podem ter direcionado o caminho de suas traduções. Tanto na reconstrução criativa de Assis quanto na busca por similaridades estilísticas na escrita de Pessoa, ambos os autores criaram traduções que ampliaram o acesso à literatura estrangeira, permitindo que ela alcançasse um público que, de outro modo, permaneceria distante das obras fontes. Foi por meio da tradução que muitos brasileiros, a partir do ano de 1883, puderam ter contato com o Corvo emblemático trazido por Assis, assim como muitos portugueses alcançaram a visão da plumagem negra na versão de 1924 do autor lusitano.

Neste sentido, concluimos que o objetivo de analisar a importância das traduções interlinguais na promoção do acesso a obras literárias por um público falante de outra língua foi plenamente alcançado, assim como o de evidenciar a relevância do papel do tradutor em seu processo criativo. Além disso, ficou demonstrado que diferentes fatores podem influenciar as escolhas feitas por um tradutor ao abordar a mesma obra original.

Diante dessas reflexões, esperamos que este trabalho tenha contribuído para ampliar a compreensão dos leitores sobre a relevância da atividade tradutória e inspirado a realização de novas traduções. Afinal, mesmo que uma obra já tenha sido traduzida, cada nova abordagem, com objetivos e perspectivas distintas, pode alcançar diferentes públicos e oferecer novas interpretações, ampliando o alcance de obras literárias, sejam elas clássicas ou contemporâneas.

Também desejamos que outros(as) pesquisadores(as) se sintam motivados(as) a promover o acesso não apenas a obras literárias, mas também a textos de outros gêneros e mídias. O conhecimento, seja artístico ou acadêmico, merece ser compartilhado com novas

gerações, e cabe a nós atuarmos como mensageiros para garantir que ele não se perca ou seja relegado ao esquecimento em meio à correria cotidiana e ao constante fluxo de informações.

REFERÊNCIAS

- AIDAR, Laura. “**Realismo**”; Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/realismo>. Acesso em 27 de outubro de 2024
- BARBOSA, Heloisa Gonçalves. **Procedimentos Técnicos da Tradução**: Uma nova proposta. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2020, 3 ed.
- BRANDINO, Luiza. “**Realismo**”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/realismo.htm>. Acesso em 27 de outubro de 2024.
- CALEFFE, Luiz Gonzaga; MOREIRA, Herivelto. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. ILJ, v. 17, p. 1, 2006.
- CAMPOS, Geir. **O Que é Tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- ECO, Umberto. **Quase a Mesma Coisa**: experiências de tradução. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007. Tradução de Eliana Aguiar.
- FONSECA, Deize Mara Ferreira. **Sentir com a imaginação**: Edgar Allan Poe, Augusto dos Anjos e um gótico moderno. Campinas, Porto Alegre: Letras de Hoje, 2009, 44 ed.
- GLEDSON, John. De Lamartine a La Fontaine. **As traduções poéticas de Machado de Assis**. In: Machado de Assis & Confrades de versos. São Paulo: Minden, 1998.
- JAKOBSON, Roman. 1959. **On Linguistic Aspects of Translation**. In On Translation, edited by R. A. Brower, 232–239. Cambridge, Mass: Harvard University Press.
- MAFRA, Adriano. **Nas asas do corvo**: análise descritiva de quatro traduções do poema The Raven de Edgar Allan Poe. Florianópolis, Livros Grátis, 2012.
- PALAVRO, Bruno. **Revoa do Corvo**: um novo The Raven. Cad. Trad., Florianópolis, v. 43, p. 01-24, 2023.
- PESSOA, Fernando. **Obras em prosa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1974.
- POE, Edgar Allan. **Histórias Extraordinárias**. Tradução: José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- POE, Edgar Allan. **Medo clássico**. Tradução: Marcia Heloisa Amarante Gonçalves. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.

LOPEZ, Alberto. **Machado de Assis, um gênio autodidata da literatura brasileira**; El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/21/cultura/1498045717_148849.html. Acesso em 29 de outubro de 2024.

RODRIGUES, Sara Viola. **Semanálise e tradução**. In Cadernos de Tradução. Porto Alegre, n.º 11, p. 45-69, jul-set. 2000.

ROSSI, Aparecido Donizete. **Manifestações e Configurações do Gótico nas Literaturas Inglesa e Norte-Americana: Um Panorama**. São Luís de Montes Belos: Ícone - Revista de Letras, 2008, 2 ed.

SÁ, Daniel Serravalle de. **O Corvo - Multilíngue**. Florianópolis: DLLE/CCE/UFSC, 2015.

SOUZA, Warley. "**Machado de Assis**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/machado-de-assis.htm>. Acesso em 15 de novembro de 2024.

SOUZA, Warley. "**Heterônimos de Fernando Pessoa**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/fernando-pessoa-seus-heteronimos.htm>. Acesso em 01 de novembro de 2024.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu professor e orientador Valécio Irineu Barros que me auxiliou imensamente na produção deste trabalho de conclusão de curso, utilizando de seu tempo e cronograma apertado para me ajudar nesta etapa tão importante. Também agradeço aos professores da banca, Thiago Almeida e Joselito Lucena, por se disponibilizarem para a leitura e análise do trabalho.

Agradeço a meus professores no decorrer do curso, que me incentivaram e influenciaram positivamente na busca de melhorias na minha formação e capacitação. Agradeço também a instituição Universidade Estadual da Paraíba por oferecer o espaço de ensino favorável à aprendizagem e eventos educacionais.

Agradeço a Deus por me fortalecer a cada dia, agradeço também pela sua bondade e misericórdia que me cobrem todos os dias, e por seu amor, que me surpreende mais e mais.

Aos meus amigos próximos, Renato dos Santos, Kalebe Marques, Silas Cordeiro, Rogério Gerson, Glauber Filipe e Calebe Nascimento que estiveram presentes no decorrer de minha formação e passaram em conjunto pelos desafios apresentados.

Aos meus pais, Egídio e Adriana, que me auxiliaram desde muito antes do início do curso e a quem devo minha vida e eterna gratidão.

Por fim, agradeço a minha namorada, melhor amiga e companheira que amo, Amanda Chaves, pelas risadas, conforto e todo o carinho que me enchem de alegria, pessoa com a qual tenho o prazer de compartilhar cada um de meus dias.